

A FICÇÃO FANTÁSTICA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Renan Fornaziero de Oliveira

(Graduando – UNESP/Assis – FAPESP)

Profa. Dra. Maria Lídia Lichtscheidl Maretti

(Orientadora – UNESP/Assis)

RESUMO: Propomos, com este trabalho, traçar de maneira sucinta um esboço do que vem a ser o gênero fantástico, suas raízes históricas e relações com a literatura/cultura brasileiras, tomando como base o conto “A caçada”, da escritora Lygia Fagundes Telles, no qual se verifica a ocorrência de elementos à primeira vista “estranhos”, mas que ao longo da narrativa são indispensáveis na configuração da história, cujos fatos são essencialmente ambíguos e, ao mesmo tempo, necessários para a associação deste ao gênero fantástico.

PALAVRAS-CHAVE: fantástico; ambiguidade; real; sobrenatural; Lygia Fagundes Telles.

O gênero fantástico

Todorov foi um dos grandes estudiosos que teorizou sobre o fantástico, tentando recuperar a referida área de estudo calcado em propostas já realizadas anteriormente. Destaca-se, ainda, por ter sido o primeiro a sistematizar o estudo do fantástico, até então pouco explorado. Para ele, o fantástico reside na hesitação de um leitor diante de acontecimentos insólitos, que vão contra a ordem do natural, fazendo com que a dúvida ante a esses acontecimentos permaneça até o fim da narrativa. Em outras palavras, “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2008, p. 31).

Uma das críticas mais severas que Todorov recebeu foi a de restringir muito o campo de atuação do fantástico. Quando um acontecimento sobrenatural é visto com naturalidade, deixa-se o fantástico, recaindo no *maravilhoso*; quando se dá uma explicação racional, o texto passa a ser visto como *estranho*. Apesar de um número sem fim de obras em que a ambiguidade permanece praticamente até o fim da narrativa, mesmo havendo a hesitação necessária para o fantástico, Todorov rotula como fantásticas um número muito menor, já que a hesitação não é mantida até o fim.

Selma Rodrigues Calasans vê uma falha neste ponto, afirmando que Todorov foi muito restritivo quanto à delimitação do gênero.

Todorov vê o fantástico como produto de três fatores que, segundo ele, são indispensáveis para que se tenha uma obra fantástica: a primeira faz referência à ambiguidade que a narrativa deve causar no leitor, fazendo-o titubear entre uma explicação sobrenatural e outra racional; a segunda diz respeito ao modo como essa dúvida é representada no texto, o que geralmente se configura no papel de uma personagem; a terceira trata do papel assumido pelo leitor implícito ante o texto, de modo que este recuse leituras que o levem para longe da atmosfera de dúvida e tensão provocada pelo texto.

Após Todorov, diversos críticos se inclinaram para o fantástico, dedicando-lhe variados estudos. Entre esses críticos, destaca-se Irène Bessière que, em 1974, publica *Le recit fantastique: la poétique de l'incertain*, que em muitos aspectos se contrapõe às teorias de Todorov. Sua principal crítica é quanto à condição exigida por Todorov para a existência do fantástico: a hesitação do leitor. Bessière demonstra ao longo de seu estudo que o fantástico reside no texto em questão, e não no modo como este será lido pelo seu público.

Contrapondo-se a Todorov também, que vê o fantástico como um gênero literário, Bessière nega esse postulado, vendo-o como uma característica inerente aos textos, como produto da imaginação. É nesse ponto que suscita a maior dúvida em relação ao fantástico: devemos estudá-lo de que maneira, como gênero literário, como um modo de se conseguir um texto que suscite medo, dúvida?

Bessière foi muito incisiva ao criticar Todorov, afirmando que “o fantástico não resulta da hesitação entre a ordem do sobrenatural e do natural, mas da contradição e da recusa mútua e implícita entre elas.” (BESSIÈRE, 1974, p. 97)

Mais do que uma contradição mútua e implícita, Bessière vê o fantástico mais além do que a simples hesitação do leitor, aumentando o seu campo de abrangência. É característica de obras fantásticas a constante ambiguidade, a dúvida, a contradição, fazendo com que os textos assim chamados sejam basicamente paradoxais, envolvendo o leitor, convidando-o para uma descoberta permeada por tramas e explicações insuficientes. Para demonstrarmos isso, escolhemos um conto em que o fantástico se revela muito patente, possibilitando variadas discussões.

Embora haja inúmeras controvérsias entre os tantos teóricos que já se debruçaram sobre o fantástico, existe um ponto comum entre todos, ponto este em que há um consenso estabelecido: a presença do natural e do sobrenatural,

coabitando em um mesmo plano, o do discurso literário. Segundo Sérgio Fabiano Annibal, “Esses dois pólos opostos (natural e sobrenatural) encontram-se e contaminam-se no universo fantástico e desse encontro de fatores tão diversos é que surge a incerteza, a *ambiguidade*”. (ANNIBAL, 2004, p. 23 – grifo nosso).

Sendo assim, nossa análise dar-se-á em um conto do volume intitulado *Mistérios*, da escritora Lygia Fagundes Telles, uma coletânea que contém produções que datam de 1949 (o conto mais antigo) até 1977 (o mais recente) e que foi publicado em 1981. Segundo nota à 8ª edição, o livro nasce da ideia dos professores e ensaístas Maria Luiza e Alfred Ortiz, este último responsável pela tradução dos contos aqui referidos para a língua alemã, com o título *Contos Fantásticos*.

No Brasil, essa ideia de reunir em um único livro contos que tratam de uma mesma temática foi bem recebida, já que reuniam “ficções da juventude e da maturidade” da autora, unidas pela simbologia do sobrenatural e da magia. Aqui, por não haver uma tradição literária que abrangesse esse gênero, como na Alemanha, o livro teve seu título alterado a fim de tornar a edição mais comercial.

“A caçada”: de caçador à caça?

“A caçada” é um dos mais célebres contos de Lygia Fagundes que, desde a sua publicação, em 1965, vem sendo editado e republicado em diversos livros e coletâneas. O discurso é essencialmente ambíguo, havendo para cada tentativa de explicação sobrenatural uma contra-explicação, da ordem do racional. Essa constante tensão entre real *versus* sobrenatural dá ao conto o tom de mistério, suspense, sem, contudo, haver a materialização de uma entidade fantasmagórica. É a falta de nexo do discurso que mantém a ambiguidade em suspenso, que torna o conto pertencente à literatura fantástica.

A narrativa é ambientada numa loja de antiquários que, dada a descrição sensorial do narrador, nos é apresentada como sendo tão antiga quanto os objetos que ali estão expostos à venda – “tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça” (TELLES, 1998, p.23). Tal descrição já traz uma importante característica ao conto que, combinada aos objetos antigos ali presentes, cada um com sua história, projetam no imaginário do leitor um misto de histórias que se imbricam no discurso das protagonistas, histórias estas cujas origens são desconhecidas/ignoradas, como podemos observar na seguinte passagem acerca da origem da tapeçaria: – “Foi um desconhecido que trouxe, precisava de dinheiro. [...]”

Preguei na parede e aí ficou. Mas já faz anos isso. E o tal moço nunca mais apareceu...” (TELLES, 1998, p. 25). Há também uma constante recorrência à descrição sensorial do espaço: o cheiro, o tato, permitindo haver um maior envolvimento do leitor com o ambiente narrado. Tais ocorrências reforçam o clima de mistério do conto, mantendo a dúvida em relação aos acontecimentos.

O protagonista do conto, um homem não nomeado, afixiona-se pela antiga tapeçaria que cobre toda uma parede do antiquário, cuja cena retratada é a de uma caçada. O homem passa a visitar todos os dias o referido local e observa que, a cada visita, a tapeçaria está diferente, que ela está tornando-se mais nítida e suas cores mais vibrantes, sentindo que há entre ele e a cena retratada uma relação bastante íntima, chegando a ser assustadora. De encontro a essas percepções do personagem, há sempre uma explicação contrária dada pela dona do antiquário, uma velha que durante todo o desenrolar da trama discordará das ponderações do homem, negando perceber qualquer mudança na peça que cobre a parede. Ambos, o homem e a velha, representam, respectivamente, imaginário e real que, ao longo do conto, caracterizam-se por opor suas ideias e impressões acerca da tapeçaria e das sensações causadas pela imagem, prevalecendo sempre a incerteza, a dúvida, como no seguinte trecho:

Parece que hoje tudo está mais próximo — disse o homem em voz baixa. — É como se... Mas não está diferente? A velha firmou mais o olhar. Tirou os óculos e voltou a pô-los.
— Não vejo diferença nenhuma.
— Ontem não se podia ver se ele tinha ou não disparado a seta...
— Que seta? O senhor está vendo alguma seta?
— Aquele pontinho ali no arco... A velha suspirou.
— Mas esse não é um buraco de traça? Olha aí, a parede já está aparecendo, essas traças dão cabo de tudo — lamentou, disfarçando um bocejo. Afastou-se sem ruído, com suas chinelas de lã. Esboçou um gesto distraído: — Fique aí à vontade, vou fazer meu chá. (TELLES, 1998, p. 25)

É interessante também sublinharmos a presença do narrador, que não participa da história, mas que conhece todos os fatos narrados pelo homem e pela dona do antiquário, tendo, desse modo, a função de transmitir ao leitor o ponto de vista do personagem principal, o homem que todos os dias vai ao antiquário admirar a tapeçaria.

A tapeçaria que, à primeira vista, nada de fabuloso pode ter, é a responsável pelo clima de mistério que se instaurou no antiquário, cuja cena é a de uma caçada; contudo, tal cena gera muitas sensações “estranhas” no homem que a observa todos os dias, e é buscando a resposta às suas inquietações que ele se põe a observá-la dia após dia. O clímax do conto dá-se quando o leitor não tem mais a nítida certeza do

desfecho: o homem “invadiu” de fato a tapeçaria, transformando-se em caça, ou tudo não passara de puro delírio? O final do conto é bastante significativo, haja vista que o sobrenatural até este ponto parecia predominar na possível explicação do acontecimento. É nos últimos parágrafos que há a retomada da ambiguidade, marca necessária para o fantástico e um dos únicos pontos de contato entre tantos teóricos, que reforça a dúvida citada acima. Eis a passagem em que podemos constatar isso:

"Conheço o caminho" — murmurou, seguindo lívido por entre os móveis. Parou. Dilatou as narinas. E aquele cheiro de folhagem e terra, de onde vinha aquele cheiro? E por que a loja foi ficando embaçada, lá longe? Imensa, real só a tapeçaria a se alastrar sorrateiramente pelo chão, pelo teto, engolindo tudo com suas manchas esverdeadas. Quis retroceder, agarrou-se a um armário, cambaleou resistindo ainda e estendeu os braços até a coluna. Seus dedos afundaram por entre galhos e resvalaram pelo tronco de uma árvore, não era uma coluna, era uma árvore! Lançou em volta um olhar esgazeado: penetrara na tapeçaria, estava dentro do bosque, os pés pesados de lama, os cabelos empastados de orvalho. Em redor, tudo parado. Estático. No silêncio da madrugada, nem o piar de um pássaro, nem o farfalhar de uma folha. Inclinou-se arquejante. Era o caçador? Ou a caça? Não importava, não importava, sabia apenas que tinha que prosseguir correndo sem parar por entre as árvores, caçando ou sendo caçado. Ou sendo caçado?... Comprimiu as palmas das mãos contra a cara esbraseada, enxugou no punho da camisa o suor que lhe escorria pelo pescoço. Vertia sangue o lábio gretado. Abriu a boca. E lembrou-se. Gritou e mergulhou numa touceira. Ouviu o assobio da seta varando a folhagem, a dor! "Não..." – gemeu, de joelhos. Tentou ainda agarrar-se à tapeçaria. E rolou encolhido, as mãos apertando o coração. (TELLES, 1998, p. 27)

O final do conto representa uma súbita saída, já que, quando o sobrenatural estava prestes a se confirmar, de repente, é como se o personagem acordasse de um sonho, assustado, ofegante, fazendo com que a dúvida fosse confirmada. Em outras palavras, a ambiguidade que pareceu ter sido suspensa é retomada, enfatizando a questão primordial do conto: sonho ou realidade? Eis a questão que só o leitor poderá desvendar...

Referências bibliográficas

ANNIBAL, Sérgio Fabiano. *Do folclore ao fantástico: a morte em “A casa do fim”*, de José Rico Direitinho. Araraquara: Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2004.

BESSIÈRE, Irene. *Le récit fantastique*. Paris: Larousse, 1974.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Maria Clara Correa Castelo (trad.) São Paulo: Perspectiva, 2008.

